



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse.  
www.jornaldocomercio.com/agro



# Calor extremo agrava crise na cadeia do leite

Altas temperaturas reduzem produção em até 10%, pressionando produtores em cenário de preços baixos e avanço das importações

Claudio Medaglia  
claudiom@jcrs.com.br

O calor intenso registrado neste verão no Rio Grande do Sul tem imposto um desafio adicional à cadeia leiteira. Com temperaturas que se aproximam dos 40°C em diversas regiões do Estado, as vacas em produção enfrentam condições muito distantes da chamada zona de conforto térmico, estimada entre 8°C e 18°C. E, assim, têm queda de rendimento que pode chegar a 10%.

Segundo a zootecnista e superintendente técnica substituta de Registro da Associação dos Criadores de Gado Holandês do Rio Grande do Sul (Gadolando), Maíza Scheleski da Rosa, além da temperatura, a umidade é outro fator combinado importante para o desempenho dos animais. O Índice de Temperatura e Umidade (ITU) deve permanecer abaixo de 68, diferente do contexto climático atual.

Ela explica que, em situações extremas, a perda pode chegar a até três quilos de leite por vaca ao dia. Em uma propriedade com 50 vacas em lactação, por exemplo, isso pode significar 150 quilos a menos por dia no tanque. “O bovino vai sentir de qualquer forma. Não é que ele vai parar de produzir, mas vai produzir menos”, afirma.

De acordo com Maíza, a maioria das propriedades leiteiras

do Estado é formada por agricultores familiares. Embora também existam sistemas altamente tecnificados, com ventilação forçada e climatização, predominam propriedades de menor porte, muitas com sistema a pasto.

Nesse perfil produtivo, as alternativas de mitigação passam por sombreamento natural ou artificial, oferta abundante de água fresca, manejo nos horários mais amenos do dia. Medidas consideradas viáveis, mas que não eliminam totalmente os efeitos do calor extremo.

A média estadual de produção gira entre 15 e 17 litros por vaca ao dia, conforme a zootecnista. Mas propriedades mais tecnificadas podem ter média superior a 25 litros por animal ao dia. Em uma atividade de margens apertadas, perdas diárias de até 3 litros por animal têm impacto dire-

to na renda mensal.

O problema climático se soma a um contexto econômico já adverso. O setor enfrenta o nono mês consecutivo de queda no preço pago ao produtor. Segundo a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (Fetag-RS), com valores atualmente abaixo do custo de produção.

A entidade aponta relatos de produtores recebendo entre R\$ 1,60 e R\$ 1,80 por litro, patamar que afirma inviabilizar a continuidade da atividade. A federação aponta aumento no abate de vacas leiteiras, redução de investimentos, e abandono da produção. Especialmente entre agricultores familiares, que representariam cerca de 95% dos produtores gaúchos.

A Fetag-RS também critica o que chama de desregulação de mercado provocada pelo ingres-



GADOLANDO/DIVULGAÇÃO/JC

Manejo em horários de menor calor ajudam a amenizar o estresse

so de leite em pó da Argentina e do Uruguai, no âmbito do Mercosul. A entidade lembra que a pauta já foi levada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, ao Ministério do Desenvolvimento Agrário e ao Ministério da Agricultura e Pecuária, além de mobilizações em municípios de fronteira como Jaguarão e Porto Xavier. Sustenta que a indústria também precisa assumir responsabilidade na formação dos preços e alerta para possíveis impactos sociais e econômicos irreversíveis caso o cenário persista.

O ingresso de lácteos do Mercosul ocorre em um momento de fragilidade interna. Em 2025, o governo federal decidiu não aplicar medidas antidumping provisórias sobre o leite em pó importado, de-

cisão que gerou frustração no setor produtivo. Enquanto isso, indicadores internacionais mostram valorização do leite em pó nos leilões do Global Dairy Trade (GDT), e elevação no preço do leite spot no mercado interno. Ainda assim, os produtores relatam dificuldade em ver essa valorização refletida no preço pago na porteira.

Nesse conjunto de crise, o problema deve ganhar espaço nos debates da Expodireto Cotrijal, de 9 a 13 de março, em Não-Me-Toque. Durante o evento de lançamento da feira, realizado na semana passada em Porto Alegre, o presidente da Cotrijal, Nei César Manica, disse que a preocupação com o segmento tem mobilizado entidades e lideranças do setor e que o assunto estará na pauta oficial.

## Projeto propõe política nacional para o setor

Em meio ao agravamento da crise, tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 20/2026, de autoria do deputado Sérgio Souza (MDB-PR). A proposta prevê a criação do Instituto Nacional do Leite (INL) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Cadeia do Leite (FNCL). O instituto teria como atribuições:

- ▶ Estabelecer política de preços mínimos
- ▶ Administrar estoques reguladores
- ▶ Monitorar importações
- ▶ Atuar na promoção do leite brasileiro no mercado internacional
- ▶ O fundo seria financiado por recursos da União, tarifas sobre importações e contribuições do setor. O texto, porém, ainda precisa tramitar pelas comissões da Câmara antes de eventual votação em plenário.

## Qualidade da uva é favorecida pelas condições climáticas no Rio Grande do Sul

As condições meteorológicas têm sido favoráveis à manutenção da sanidade dos pomares na região administrativa da Emater/RS-Ascar de Bagé. De acordo com o Informativo Conjuntural da semana passada, em Hulha Negra, a colheita iniciou tanto para venda in natura quanto para a elaboração de sucos e vinhos. As principais variedades cultivadas no município são Isabel, Niágara, Bordô, Violeta e Concord.

Segundo os produtores, a cultura apresenta adequada produtividade e qualidade, e o preço de venda está em torno de R\$ 8,00/kg. Na Fronteira Oeste, segue o período de maturação e colheita nas áreas de produção de uva. Em Quaraí, a colheita chega a 20% dos 96 hectares cultivados, principalmente variedades de mesa e brancas viníferas.

Na região de Caxias do Sul, as cultivares de ciclo precoce e médio estão em colheita. O tempo predominantemente seco e com baixa precipitação pluviométrica favoreceu a sanidade dos vinhedos e o aumento do grau Brix, melhorando a qualidade da matéria-prima processada. Em algumas cultivares de uvas americanas e viníferas, o grau Brix variou entre 14° e 18°. No Ceasa Serra, o preço da Niágara se elevou de R\$ 3,75 para R\$ 4,30/kg. Na comercialização direta na propriedade, os produtores receberam entre R\$ 2,00 e R\$ 3,00/kg.

As cultivares Lorena, Niágara Rosada e Niágara Branca estão em fase final de colheita, assim como a Bordô, que apresenta grau Brix de 12° a 16°, na região de Frederico Westphalen. Na de Ijuí, a colheita das cultivares ameri-

canas se aproxima do fim, com produtividade considerada satisfatória pelos agricultores. A comercialização está em andamento, mas, devido à grande oferta, houve redução de preços em algumas localidades. Os preços praticados na região foram de R\$ 6,00/kg. Em Passo Fundo, a produtividade está elevada, e a qualidade das uvas excelente, diz a Emater/RS. As cultivares de mesa estão sendo comercializadas a R\$ 6,00/kg, e as viníferas a R\$ 3,00/kg.

A cultura da soja está principalmente em fases reprodutivas (42% em florescimento e 39% em enchimento de grãos). Na maior parte do período, as condições climáticas foram desfavoráveis, caracterizadas por déficit hídrico, temperaturas elevadas (atingindo 40 °C na Região das Missões), alta demanda evaporativa da atmosfere-

ra e baixa umidade relativa do ar. Esse conjunto de fatores provocou estresse hídrico em parte das áreas com sintomas fisiológicos, como murchamento, senescência foliar precoce, abortamento de flores e vagens, redução e queda da área foliar, comprometendo o potencial produtivo em diversas regiões.

A semeadura tardia e a implantação de soja em sucessão ao milho ocorreram de forma irregular, causando dificuldades de emergência e estabelecimento em áreas sem irrigação, o que agravou a desuniformidade de estandes e o risco de replantio e de perdas adicionais. Algumas áreas inicialmente projetadas tendem a não ser implantadas. Para a Safra 2025/2026 no Rio Grande do Sul, a projeção da Emater/RS-Ascar indica área cultivada de 6.742.236 hectares. A produtividade projetada antes do

início do plantio, deverá ser impactada negativamente pelas condições climáticas. A Instituição realizará levantamento de campo na segunda quinzena de fevereiro para a atualização das estimativas de produtividade e produção.

A colheita do milho chega a aproximadamente 50%, avançando rapidamente em função do tempo seco e quente, que reduz a umidade dos grãos de forma mais acentuada. O restante das lavouras se distribui entre maturação (21%), enchimento de grãos (16%), floração (6%), desenvolvimento vegetativo (7%). As produtividades nas áreas colhidas estão satisfatórias com média próxima à projetada inicialmente. Estima-se o cultivo de 785.030 hectares e produtividade foi inicialmente projetada em 7.370 kg/ha, segundo a Emater/RS-Ascar.